

O USO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE ALUNOS SURDOS

Bruna Ismaela Cunha Silva¹; Thayse Lopes dos Santos²; Niédja Maria Ferreira Lima³

(Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. brunaismaela@hotmail.com¹, thayselopesdossantos@hotmail.com²; niedjafi@yahoo.com.br³)

Resumo: Este trabalho surge de uma experiência vivenciada no Programa de Educação Tutorial- PET no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, enquanto alunas do referido curso e alunas bolsistas do programa PET Pedagogia. Através do curso de extensão “Práticas pedagógicas na educação de Surdos: criando pontes para (re) construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras” foram vivenciados momentos de aprendizagem para o trabalho com alunos surdos. O estudo para construir os materiais pedagógicos que foram desenvolvidos no decorrer do curso com o objetivo de serem utilizados como ferramentas para melhor desenvolver a prática docente dos profissionais que estão em sala de aula e tem alunos surdos, assim como para os discentes que não estão em contato com surdos e possuem pouco domínio da Libras possibilitaram uma nova concepção de entender o jogo como ferramenta para auxiliar o trabalho do professor, seja na introdução do conteúdo, no seu desenvolvimento ou como ferramenta para verificar a aprendizagem . A construção dos materiais pedagógicos culminaram na visita a Escola de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima - EDAC para socialização dos matérias, e trouxe importantes constatações quanto relevância do uso de materiais pedagógicos.

Palavras-chave: Surdo, Práticas Pedagógicas, Materiais Pedagógicos.

Introdução

O curso de Pedagogia da UFCG tem na sua grade curricular a disciplina Libras com carga horária de 60h, equivalendo a 4 créditos, a disciplina “Ensino de Língua Portuguesa na Educação de Surdos” 45 h, com 3 créditos e uma área de aprofundamento que só é ofertada dada a demanda dos discentes. Entendendo que apenas estas disciplinas não são suficientes para o domínio da Língua Brasileira de Sinais, assim como habilitar o discente a ensinar Libras, o PET Pedagogia em parceria com a Unidade Acadêmica de Educação – UAEd da UFCG promoveu atividades que ampliam o conhecimento da Libras a partir do curso “Libras no PET: estudos e vivências em contexto”, com carga horária de 60 h ocorrido no período de agosto a dezembro de 2016, e o curso de extensão “Práticas pedagógicas na educação de Surdos: criando pontes para (re) construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras” com 45 h, no período de outubro a dezembro de 2017, sendo este objeto de análise para este relato de experiência. Este momento de formação para o aluno do curso reflete em uma formação comprometida com a aprendizagem do aluno surdo, entendendo a singularidade e o processo que ambos passam, tanto o aluno quanto o professor são lançados

no desafio de aprender juntos, seja na escola regular ou na escola da comunidade surda. Logo, refletir sobre como desenvolver materiais pedagógicos para auxiliar a aprendizagem de alunos surdos foi uma experiência singular, pois o curso contou com a participação de professores da rede municipal de ensino de Campina Grande, Gado Bravo e Aroeiras e da EDAC. A participação de professores ouvintes e uma professora surda enriqueceu a dinâmica do curso e abriu novas possibilidades de aprendizagens a nós discentes do curso de Pedagogia, que iniciamos o contato com o universo do aluno surdo.

O curso teve como objetivos discutir as atuais práticas pedagógicas para o ensino de Libras, identificar as áreas de conhecimento para escolha dos jogos, estabelecer quais conhecimentos os jogos selecionados se propõem, desenvolver e realizar a construção dos materiais de acordo com as necessidades dos alunos surdos. Assim, ao final da construção dos materiais pedagógicos, o grupo finalizou as atividades do curso com uma visita a EDAC para realizar a aplicação dos materiais produzidos.

Metodologia

Para realização do curso de extensão “Práticas pedagógicas na educação de Surdos: criando pontes para (re) construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras, o grupo do PET Pedagogia sob a orientação da tutora profa. Dra. Niédja Maria Ferreira de Lima elaborou o projeto a ser realizado na segunda metade do segundo semestre do ano de 2017. O curso foi ministrado pela Prof.^a Me. Conceição de Maria Costa Saúde e participação da Prof.^a Me. Michelle Mélo Gurjão Roldão, ambas do curso Letras – Libras (UFCG), o público alvo foram professores das escolas públicas de surdos da EDAC, Aroeiras e Gado Bravo, professores da rede municipal de Campina Grande e Petianas do grupo PET Pedagogia (UFCG), carga horária de 45 horas no período de outubro a dezembro de 2017, os encontros ocorriam nas quintas feiras das 14h às 17h.

Elaborado o projeto e aceito pela PRE, ocorreu a apresentação da professora ministrante que esteve no PET Pedagogia antes da realização do curso para ouvir e conhecer as necessidades das alunas e partilhou suas vivências e alguns jogos que a mesma vem desenvolvendo ao longo do seu trabalho com alunos surdos.

O curso foi desenvolvido em dois momentos, o primeiro na UFCG com aulas presenciais que trabalhamos as práticas pedagógicas para o ensino de Libras como língua primeira e a construção do material pedagógico dos jogos.

As aulas teóricas tiveram a proposta de conhecer procedimentos teóricos metodológicos para trabalhar os conteúdos com o aluno surdo, refletir a Libras como língua primeira, a importância dos parâmetros de articulação por esta razão foram estudados alguns pressupostos relacionados aos estudos linguísticos das Línguas de Sinais, e os aspectos culturais e educacionais, proporcionando um espaço para discussões de conceitos de Surdo, Surdez, aprofundamento das noções básicas de Libras, comunicação, diferenças, proximidades e conquistas das pessoas surdas, aprendizagem a respeito da temática. A partir dessa discussões surgiram as sugestões para a produção de materiais pedagógicos para o ensino de Libras.

Os materiais pedagógicos foram construídos e apresentados para realização dos ajustes. Após estes ajustes foi marcado com os professores da EDAC a visita a instituição para socialização dos materiais confeccionados.

As atividades foram encerradas em um último encontro na UFCG com o objetivo de socializar a visita a EDAC e uma avaliação quanto a dinâmica do curso e dos conteúdos trabalhados ao longo dos três meses de curso.

Discussão

É possível perceber que existem diversos entraves que permeiam a vida de quem é surdo, esse entraves perpassam pelas constantes lutas que os surdos junto com seus familiares e pessoas próximas enfrentam na vida diária, seja em casa, na escola, no ambiente de trabalho, nos espaços públicos. A sociedade tem uma forte resistência em adaptar a qualquer mudança que seja dita fora dos ditos normais e acabam desconhecendo a realidade dos surdos hoje no país e fora dele. Gesser (2009) procura percorrer por diversas questões e parte da ideia que muitos tem, de que a língua de sinais é universal, fato que não é verdadeiro pois a Língua de Sinais possui características próprias em cada país e também sofre mudanças em seus sinais dada a regionalização, fato esse que mostra como a cultura do lugar também é expressada pela comunidade surda.

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, possui gramática, embora recente em relação a língua oral, tem seu reconhecimento linguístico a partir de 1960 através dos estudos de William Stokoe, também responsável pelos três parâmetros que constituem os sinais: configuração de mão “CM”, articulação “PA” ou locação “L” e movimento “M”.

Para Gesser (2009) é preciso estabelecer um diálogo quanto a questão de se colocar a língua de sinais como mímica, ideia errada, os surdos sinalizam o conceito e não o objeto como ele é como se estivesse fazendo uma mímica e em seguida traz a questão conceitos

abstratos, que são possíveis de ser expressados pois como a autora deixa claro os sinais não são gestos e os sentimentos, emoções também podem ser expressados mesmos sendo abstratos. A autora também perpassa por questões que tratam do surdo como ser único, que não é um deficiente auditivo, não vive no silêncio absoluto pois não deixou de sentir, e pode através das vibrações sentir a intensidade de uma canção, não precisa de forma alguma oralizar para se integrar na sociedade de ouvintes. É importante compreender que a surdez não é um problema nem pra o surdo nem para o ouvinte, aproximar é uma chance de conhecimento entre ambos, cabe vontade e compromisso para aproximar os ouvintes da Libras e estabelecer vínculos e possibilitem sempre a aprendizagem.

O caminho não é negar a surdez, ela existe. Na educação, o aluno precisa ser inserido a rotina e dinâmica da escola, seja ela a escola comum ou as escolas para surdos. Seja qual for a instituição, o foco principal é a aprendizagem do aluno surdo. Logo, professores, pais e alunos precisam partilhar dos mesmos objetivos para que este momento de aprendizado não seja tenso ou negue as reais necessidades do aluno surdo.

De acordo com Brasil (2006) o professor ouvinte precisa orientar os pais (familiares) no seu papel de acompanhar o desenvolvimento escolar da criança surda. O mesmo documento explica que no processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam as “mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de ter ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar”. Assim, elas constroem o conhecimento a partir das interações que formam com as outras pessoas e com o meio em que vivem, a ausência em não ouvir não retira dela a capacidade de aprender, muito menos de se comunicar.

Para Strobel (2008), “Há grandes diversidades das comunidades surdas e cada grupo é organizado de maneiras diferentes de acordo com os mesmos interesses dentre eles, tais como a raça, religião, profissão e outras características distintivas.” Assim, o professor embarca em uma nova comunidade precisando ser atento e respeitando as particularidades dessa comunidade. É a partir das vivências, do envolvimento entre os pares que o professor conhecerá como melhor desenvolver os conteúdos, o ritmo da comunicação, sempre com o foco no aluno.

Resultados

O curso iniciou as atividades trabalhando os conteúdos teóricos que tiveram como procedimento metodológico a dinâmica de trabalho em grupo, contribuindo na qualidade das discursões. As aulas contaram com a colaboração das professoras participantes que faziam o papel de interprete para a participante surda (Figura 1). As atividades em grupo (figura 1 e 2)

que ocorreram no começo do curso foram ótimos espaços de aprendizagem, as experiências trazidas pelos professores deixou claro as necessidades de desenvolver materiais que contribuam na qualidade do ensino e também na carência de atividades lúdicas para serem realizadas nos momentos de recreação e horários livres como a hora do intervalo.



Figura 1: Estudo teórico em grupo
Fonte: Acervo do PET Pedagogia - UFCG



Figura 2: Estudo teórico em grupo
Fonte: Acervo do PET Pedagogia - UFCG

Finalizado a apresentação dos conteúdos teóricos, os grupos foram divididos em grupos menores para realizar a confecção dos materiais pedagógicos. Por entender a importância de confeccionar os jogos e construir suas instruções de uso, objetivo dos jogos, faixa etária, material adequado, os jogos foram confeccionados em sala (Figuras 3 e 4), e quando não finalizado no dia era levado para terminar em casa.



Figura 3: Construção dos materiais pedagógicos
Fonte: Acervo do PET Pedagogia - UFCG



Figura 4: Construção dos materiais Pedagógicos
Fonte: Acervo do PET Pedagogia - UFCG

Realizada a construção dos materiais pedagógicos iniciou-se a apresentação dos jogos (Figura 5), esta foi uma etapa importante, pois no momento de criação dos jogos foram feitas releituras de jogos já existentes que precisaram passar por correções por terem sido confeccionados com uso de sinais trocados, não está legível ou que não correspondiam a ideia proposta pelo jogo.



Figura 5: Apresentação dos materiais pedagógicos
Fonte: Acervo do PET Pedagogia - UFCG

Para verificar a aplicação dos materiais pedagógicos foi realizado um encontro na EDAC para socializar os materiais confeccionados. Esta foi uma oportunidade para nós alunas de socializar com alunos surdos, saindo do lugar de alunas para atuar como professora, mediando e aprendendo com eles o uso dos sinais.

O momento de aplicação dos jogos trouxe a compreensão dos de vários assuntos trabalhados em sala, o que chamou a atenção foi a importância dos parâmetros que constituem os sinais. Foi possível sentir como o uso correto da configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a expressão facial auxilia na comunicação e permitem que o ouvinte assimile e melhor se comunique com o surdo.



Figura 6: Socializando os materiais pedagógicos na EDAC
Fonte: Acervo do PET Pedagogia - UFCG

Considerações

O trabalho com materiais pedagógicos para o ensino de Libras foi um incentivo para e se aperfeiçoar em Libras. Para nós alunas do curso de Pedagogia, ele antecedeu a disciplina,

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br



sendo um ganho significativo uma vez que muitas de nós não tinham contato direto com a pessoa surda, razão pela qual não tínhamos noção dos entraves que estes enfrentam para está na escola e ter seus direitos garantidos. A escola precisa está aberta a aprender as particularidades desse público e buscar está capacitada a receber alunos surdos e com as demais necessidades educacionais. Atender um aluno surdo demanda da escola regular inserir o aluno na dinâmica da escola, de sua sala de aula, não é um trabalho fácil pois demanda do professor e de toda a equipe da escola mudanças para melhor atender seu aluno, não é um trabalho fácil pois demanda estudo por parte do professor para melhor atender seu aluno que pode está matriculado na escola de ouvintes e/ou na escola da comunidade surda como no caso da EDAC em Campina Grande –PB.

Toda etapa que antecedeu a ida a EDAC foi importante, mais dois momentos foram de extrema relevância. O primeiro percorreu todo o curso, que foi a presença dos professores que atuam com o aluno surdo, as falas trazidas por eles expressaram sempre vontade de fazer o melhor a partir dos recursos que se tem. E o segundo momento foi o dia na EDAC, sentir que não estamos distantes do outro foi o sentimento. Eles se aproximam, querem ensinar, e de forma espontânea nos colocam na dinâmica deles.

Foi perceptível a interação, as trocas e o domínio dos professores que se fizeram presentes e enriqueceram nosso aprendizado. Pensar que a língua de sinais é um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral e entender que o surdo não entende como um ouvinte é um erro grave e preconceituoso.

Sua capacidade de aprendizagem é a mesma, o que difere é o caminho que o surdo percorrerá para se comunicar com os demais a sua volta uma vez que existe uma resistência por parte do ouvinte em aprender a Língua de Sinais. Para quem acompanha um surdo de fora de suas vivências fica o entendimento de que os gestos realizados são meramente repetições de gestos, mímicas na tentativa de se comunicar. Mais esta é uma ideia totalmente equivocada, os surdos possuem língua própria, a Língua de Sinais que aqui no Brasil é a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) que não é a mesma em todo território brasileiro, pois também sofre influência do regionalismo, fato que fortalece a língua de sinais. Foi perceptível sentir as influências regionais quando ao se comunicarem um com o outro chamavam a atenção para a forma de sinalizar, fato que na EDAC ocorre com mais frequências já que a instituição atende a alunos surdos do município de Campina Grande e seu entorno.

Referências

BRASIL, **Educação infantil : saberes e práticas da inclusão : dificuldades de comunicação e sinalização : surdez.** [4. ed.] / elaboração prof^a Daisy Maria Collet de Araujo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

GESSER, **Audrei. Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis. Editora da UFSC. 2008